



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
Departamento de Economia
Curso de Bacharelado em Ciências Econômicas

**TRANSFORMAÇÕES DO CONCEITO DE
COMPETIÇÃO AO LONGO DA HISTÓRIA
ECONÔMICA**

Raíssa Vieira de Melo
Orientador: Dr. Mauro Boianovsky

Brasília
Dezembro, 2018

Raíssa Vieira de Melo

**TRANSFORMAÇÕES DO CONCEITO DE
COMPETIÇÃO AO LONGO DA HISTÓRIA
ECONÔMICA**

Monografia apresentada ao Departamento
de Economia da Universidade de Brasília,
como requisito parcial à obtenção do grau
de bacharelado em Ciências Econômicas.

Orientador: Dr. Mauro Boianovsky.

Brasília

Dezembro, 2018

Raíssa Vieira de Melo

TRANSFORMAÇÕES DO CONCEITO DE COMPETIÇÃO AO LONGO DA HISTÓRIA ECONÔMICA

Monografia apresentada ao Departamento
de Economia da Universidade de Brasília,
como requisito parcial à obtenção do grau
de bacharelado em Ciências Econômicas.

Orientador: Dr. Mauro Boianovsky.

Dr. Mauro Boianovsky
Orientador

Dr. Joaquim Pinto de Andrade
Banca Examinadora

Brasília
Dezembro, 2018

Aos meus pais, Selma e Jonas.

Agradecimentos

Ao apoio de minha família durante esses 4 anos de graduação, me incentivando a estudar e proporcionando apoio emocional e financeiro. Aos amigos que formei nesses anos: Gabriela Machado, minha amiga que me acompanhou durante todos os 8 semestres desde Inteco, Pedro Duque e Marília Arantes pela amizade fraterna. Aos meus colegas de PET, Elenir Magalhães e Matheus Biângulo pelo apoio mútuo. E também aos amigos Flávio Borges, Lorena Rodrigues, Luisa Cury, Raquel Mesquita e Raphaela Fonseca pela amizade e companheirismo. Ao pessoal do clube de xadrez da UnB, em especial a Júlia Pascual pelas boas partidas que jogamos nos torneios universitários representando a UnB.

Ademais, agradeço ao meu professor orientador, Mauro Boianovsky, que é um pesquisador de muita competência e talento, sugeriu leituras importantes para a minha formação seja na matéria de Teoria do Desenvolvimento Econômico e também como orientador. Ao professor Leandro Gonçalves por sempre estar disponível a tirar dúvidas em Microeconomia e ao professor Joaquim Pinto de Andrade, com o qual tive a oportunidade de fazer duas matérias na pós e que me passou um conhecimento muito crítico sobre a teoria econômica.

"(...)hardly any important improvement in general economic theory can fail to affect the concept of competition. But it has proved to be a tough and resilient concept, and it will stay with us in recognizable form for a long time to come."

Stigler

"The single most important concept in the history of economic analysis is perfect competition."

Cochrane

Resumo

O presente trabalho busca analisar as transformações do conceito de competição por meio dos principais autores do tema incluindo Cournot, Marshall e Kirzner, dentre outros grandes expoentes da teoria econômica. Ademais, os conceitos de competição são sintetizados e, por fim, é abordado o que há de mais novo na teoria com relação a este tema.

Palavras-chaves: Competição, Competição perfeita, Competição Imperfeita.

Abstract

This paper seeks to analyse the changes in the concept of competition through the main authors of the topic including Cournot, Marshall and Kirzner, among other great economists. Moreover, the concepts of competition are summed up and, finally, it is discussed what is newer in economic theory on this topic.

Keywords: Competition, Perfect competition, Imperfect competition.

Sumário

	Introdução	1
1	LITERATURA SOBRE COMPETIÇÃO	3
1.1	A. Smith - A competição sob a perspectiva clássica	3
1.2	Cournot, Bertrand e Walras - A competição a partir de uma modelagem matemática	4
1.2.1	Modelagem do mercado em Cournot	6
1.2.1.1	Duopólio de Cournot	8
1.3	Walras	9
1.3.1	O equilíbrio geral walrasiano	10
1.3.2	Walras e <i>free competition</i>	11
1.3.3	Jevons, Menger e Walras	13
1.4	Bertrand	13
1.5	Marshall - O equilíbrio competitivo Marshalliano	15
1.6	Hayek e a perspectiva austríaca sobre o conceito de competição	16
1.7	Clark e Knight - O conflito entre os autores em suas diferentes perspectivas sobre o conceito de competição	17
1.8	Sraffa, Chamberlin e Robinson - Competição imperfeita ganha notoriedade no debate econômico	19
1.9	Keynes - Equilíbrio em competição perfeita com desemprego involuntário	21
1.10	Israel Kirzner - O papel empresarial na competição	22
1.11	Schumpeter - Competição pela inovação	23
1.12	Jean Tirole - Organização Industrial	24
1.13	Stigler - Competição contemplada historicamente e a crítica das teorias de competição monopolística	24
1.14	Makowsky e Ostroy - Competição perfeita e criatividade	25
2	COMPETIÇÃO PERFEITA	27
2.1	O conceito de competição perfeita e suas vastas interpretações	27
2.1.1	A competição em desenho de mecanismos	28
2.1.2	Competição perfeita e informação - A crítica comportamental de Gabaix	29
2.1.3	Competição perfeita e <i>searching</i>	29
2.2	Competição perfeita: ainda subsiste como conceito atual?	30

3	COMPETIÇÃO IMPERFEITA	31
3.1	Competição Imperfeita - Uma perspectiva atual	31
3.2	É possível desenvolver um arcabouço teórico de competição imperfeita sem o <i>benchmark</i> de competição perfeita?	31
3.3	Informação e competição imperfeita	32
3.4	Monopólios e Oligopólios. Competição Justa?	33
3.5	Competição monopolística	34
3.6	O papel do Governo na competição imperfeita	34
4	CONSIDERAÇÕES FINAIS	35
5	REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	37

Introdução

O matemático Euclides define "ponto" nos *Elementos*¹ como "aquilo de que nada é parte", uma definição invariável e que é eixo fundamental para todo o desenvolvimento da geometria euclidiana. Em Economia ou em outra ciência social dificilmente poderíamos encontrar um conceito imutável como é o de ponto para a Matemática, pois a sociedade muda quotidianamente com novas técnicas de produção, meios de pagamento e interações sociais. Sobre a mudança dos conceitos em Economia, MOORE(1906) escreveu que:

"Economic terms seem to pass in their historical development through a series of stages which, without pretension to rigidity, may be described as follows: first, no definition is given, but it is assumed that every one has a sufficiently clear idea of the subject to make a formal definition unnecessary; second, a definition is attempted and a number of exceptional forms are noted; third, with the further increase of data, the relative importance of the various forms changes, confusion in discussion is introduced, logomachy takes the place of constructive investigation; fourth, a complete classification of the forms embraced under the original term is made, and problems are investigated with reference to these classes. The bewildering vagueness of economic theory is largely due to the fact that the terms used are in all of these stages of development".

O conceito de competição, que é essencial para a análise econômica, alterou significativamente ao longo da história e isso trouxe implicações relevantes para a pesquisa e a metodologia em Ciências Econômicas. A presente monografia busca analisar tais mudanças que o conceito de competição sofreu ao longo da história econômica enfatizando os principais autores e ideias vinculados a esse processo de transformação. Toma-se aqui o conceito de competição pelo viés econômico, ou seja, sob a ótica de firmas produtoras e de consumidores. Vale ressaltar que a definição de competição é bastante ampla e pode ser utilizada em diversos meios, podendo estar relacionada, por exemplo, com a competição entre espécies, competição para uma vaga de emprego ou para a violência.

A ideia central para competição é a escassez (ALCHIAN, ALLIAN, 1967), que pode ser de recursos naturais, de tempo, orçamento dentre outras tantas. As decisões econômicas são essencialmente competitivas, baseadas no custo de oportunidade, que é a melhor opção descartada dentre as possíveis no conjunto de decisão do

¹ EUCLIDES, I.B. *Os elementos*. Editora UNESP, 2009.

indivíduo. Nos textos econômicos não há uma definição objetiva e precisa do que seria competição, mas existem abordagens semelhantes e díspares deste conceito, por isso é indispensável fazer uma separação do conceito entre os economistas clássicos e neoclássicos, uma vez que a modelagem econômica matematizada, utilizada pelos neoclássicos, se por um lado, tornou a interpretação dos textos mais simples, por outro pode ter simplificado e distorcido abordagens passadas (MACHOVEC,2002). Outrossim, as análises entre autores clássicos e neoclássicos não são homogêneas entre si e também serão abordadas no artigo.

O capítulo 1 se refere a uma revisão de literatura sobre o tema de competição em Economia, o capítulo subsequente apresenta uma análise do conceito de competição perfeita, o capítulo 3 se refere à competição imperfeita e no último capítulo as conclusões são apresentadas.

1 Literatura sobre competição

A literatura sobre competição é extensa, de maneira que um recorte é fundamental. Deste modo, selecionei os autores com base na relevância e no impacto de seus trabalhos para a teoria e debate econômicos, priorizando um panorama comparativo entre as ideias.

1.1 A. Smith - A competição sob a perspectiva clássica

A frase clássica de A. Smith em "*A riqueza das nações*":

“Não é da benevolência do açougueiro, do cervejeiro ou do padeiro que esperamos nosso jantar, mas da consideração que eles têm pelo seu próprio interesse. Dirigimo-nos não à sua humanidade, mas à sua auto-estima, e nunca lhes falamos das nossas próprias necessidades, mas das vantagens que advirão para eles”.

exprime a clássica perspectiva da competição em Economia, a qual levaria a uma alocação flexível, dinâmica e eficiente dos bens, uma vez que é dependente de cada interesse individual. Em uma sociedade comandada em suas atividades produtivas pelo Estado tais incentivos pessoais seriam distorcidos, o que prejudicaria a atividade e a dinâmica econômica como um todo. Tal perspectiva de Smith é crítica ao mercantilismo e ao feudalismo no sentido que as inúmeras benesses aos quais o clero e a nobreza recebiam durante esse período histórico atrapalhavam a dinâmica do capital e do trabalho, o que prejudicava a dinâmica competitiva e levava a preços maiores que o natural (custo marginal).

O termo competição não foi definido de maneira rigorosa, mas está presente na obra em seu sentido econômico, e é dotado de ampla dinamicidade. Em linhas gerais, a competição ideal para Adam Smith seria aquela na qual as pessoas fossem livres para produzir o que quisessem e não recebessem privilégios ou obrigações sobre o que realizar economicamente perante o Estado. O autor cita o exemplo das comunidades antigas da Índia em que os filhos eram obrigados a realizar as mesmas atividades econômicas que os pais, algo que prejudicava severamente a concorrência e a produção (SMITH, p.193, 1986).

Smith também analisa o monopólio, principalmente por uma perspectiva crítica, no sentido de piorar as trocas econômicas. O seguinte trecho do livro "*A riqueza das nações*" exprime as principais conclusões da teoria econômica sobre a

situação de monopólio, quais sejam, menor oferta de bens ("*understocked*") e preços maiores que os estabelecidos em um mercado mais competitivo ("*sell their commodities much above the natural price*") :

"A monopoly granted either to an individual or to a trading company has the same effect as a secret in trade or manufactures. The monopolists, by keeping the market constantly understocked, by never fully supplying the effectual demand, sell their commodities much above the natural price, and raise their emoluments, whether they consist in wages or profit, greatly above their natural rate".

CLARK (1963) ressalta a importância dos *insights* econômicos de Smith, os quais foram feitos no início da Revolução Industrial e previram muitas das mudanças que iriam acontecer no sistema econômico. A definição de preço natural, por exemplo, é muito próxima ao que considera-se atualmente como custo médio: "O preço natural, ou preço de concorrência livre, pelo contrário... é o mais baixo que os vendedores podem usualmente cobrar e, ao mesmo tempo, continuar em atividade".

1.2 Cournot, Bertrand e Walras - A competição a partir de uma modelagem matemática

A modelagem matemática para descrever a concorrência mudou profundamente o desenvolvimento da Ciência Econômica a qual passou a ser mais sistematizada e os fenômenos econômicos passaram a ser descritos em diversos modelos. John Stuart Mill no livro "Princípios de Economia Política" escreveu que: "Somente através do princípio da concorrência poderá a economia política ter caráter de ciência". Deste modo, há uma ruptura definitiva na Ciência Econômica a partir do processo de modelagem da concorrência e o economista fundamental para esse desenvolvimento matemático foi o francês Cournot, o qual será analisado nesta seção.

Tal perspectiva nova na Economia ganhou vários adeptos e também recebeu muitos críticos. Clark (1963) define essa nova metodologia como "tendência dedutiva" e critica a utilização do cálculo infinitesimal em Economia por não poder considerar mudanças descontínuas e não poder considerar diferentes perspectivas temporais. No entanto, uma série de economistas como Walras, Jevons e Edgeworth, para citar alguns nomes, desenvolveram uma sistematização algébrica da economia, a qual possibilitou o desenvolvimento de importantes frentes teóricas em Economia, como o estudo do equilíbrio geral e da econometria. Ademais, a otimização de funções foi possibilitada a partir da descrição algébrica, e sobre isso Cournot no livro *Researches*¹

¹ *Researches sur les principes mathématiques de la théorie de la richesses*, COURNOT, 1838.

escreveu : "*Nous n'invokerons qu'un seul axiome, ou, si l'on veut, nous n'employerons qu'une hypothese savoir que chacun cherche a tirer de sa chose ou de son travail la plus grand valeur possible*". ².

A ruptura paradigmática para o viés dedutivo foi feita a partir da publicação do livro "*Researches Into the Mathematical Principles of The Theory of Wealth*" em 1838³, Cournot foi o primeiro escritor a desenhar uma função de demanda (BLAUG, 1997) dentre outras importantes contribuições para a teoria econômica. BLAUG (1997) enfatiza a importância de Cournot em delimitar a concorrência perfeita como perspectiva teórica do caso limite:

"Cournot did more than invent the theory of pure monopoly and the theory of duopoly: he also planted the idea that perfect competition is the limiting case of the entire spectrum of market structures defined in terms of the number of sellers"(BLAUG).

O princípio por trás de ter a modelagem matemática seria o de simplificar as ideias e evitar digressões através de um estilo textual mais conciso. A metodologia algébrica da Economia foi justificada por Cournot(1838) no seguinte trecho do livro *Researches*:

The employment of mathematical symbols is perfectly natural when the relations between magnitudes are under discussion; and even if they are not rigorously necessary, it would hardly be reasonable to reject them, because they are not equally familiar to all readers and because they have sometimes been wrongly used, if they are able to facilitate the exposition of problems, to render it more concise, to open the way to more extended developments and to avoid the digressions of vague argumentation".

O autor apresentava uma pesquisa multifacetada nas áreas de álgebra, análise, probabilidades, economia ⁴ e filosofia. Em 1829 escreveu a tese de doutorado sobre mecânica "*Mémoire sur le mouvement d'un corps rigide soutenu par un plan fixe*" e outra complementar em astronomia "*De la figure des corps célestes*". Em economia foram três as obras escritas pelo acadêmico francês: "*Recherches sur les principes mathématiques de la théorie des richesses*", "*Principes de la théorie des richesses*" e "*Revue sommaire des doctrines économiques*". Henri Gutton na introdução do livro *Recherches*(1897) escreveu que: "Cournot a été d'abord un mathématicien, puis un

² Invocaremos apenas um axioma, ou, se quisermos, usaremos apenas uma hipótese, a saber que todos buscam obter o maior valor possível da sua coisa ou de seu trabalho, tradução livre.

³ Cournot não foi o primeiro teórico a utilizar a linguagem matemática, mas foi a primeira contribuição com o uso algébrico mais bem elaborada.

⁴ Na época (início do século XIX) denominada de *théorie des richesses*.

économiste, il est toujours demeuré un philosophe. C'est l'idée de probabilité qui fait l'unité des trois parties de lui-même"⁵.

1.2.1 Modelagem do mercado em Cournot

No livro *Recherches sur les principes mathématiques de la théorie de des richesses*, que é a obra mais influente de Cournot, a análise começa pelo monopólio, que é sucedida pelo duopólio e por fim a concorrência perfeita é originada. A introdução do livro contem um apelo para a utilização da linguagem algébrica, o qual está representado no seguinte trecho:

Political Economy is the hygiene and pathology of the social system. It recognizes as its guide experience or rather observation; but sometimes the sagacity of a superior mind can even anticipate the results of experience. We only seek to make clear, that Political Economy fails to make progress by theory towards its noble object of the improvement of the lot of mankind either because the relations which it has to deal with are not reducible to fixed terms, or because these relations are much too complicated for our powers of combination and analysis.

Os capítulos 1, 2 e 3 , que são respectivamente "*De la valeur d'échange ou de la richesse en général*", "*Des changement de valeur, absolus et relatifs*" e "*Du change*", apresentam o constructo teórico que rompe com a teoria do valor, em que a análise econômica passa a ser centrada nos preços (valores) relativos, mudança que está sintetizada na seguinte citação de Cournot: "There are no absolute values, but there are movements of absolute rise and fall in values". BORNIER (1992) relaciona esse objetivo de Cournot com o positivismo, corrente filosófica que estava em ascensão na época. Há também a relação com os estudos de probabilidade, de maneira que a adequação algébrica da teoria econômica fosse necessária para introduzir os métodos estatísticos a essa ciência⁶.

A primeira função de demanda da história econômica está no capítulo 4 *De la loi du débit* : $D = F(p)$, de maneira que a demanda seria uma função contínua relacionada inversamente ao preço. O autor faz uma ressalva a essa formulação e escreve que :

⁵ Cournot foi primeiro um matemático, em seguida um economista e ainda permaneceu como filósofo. É a ideia de probabilidade que leva a unidade das três partes dele, tradução livre.

⁶ Henri Guitton é mais enfático nesse sentido e diz que Cournot pode ser considerado como o pai da econometria: "Cournot peut être ici comme le père de ce qui s'appellera en 1930 l'économetrie".

Elle (a função de demanda) dépend évidemment du mode d'utilité de la chose, de la nature des services qu'elle peut rendre ou des jouissances qu'elle procure, ⁷ des habitudes et des moeurs de chaque peuple, de la richesse moyenne et de l'échelle suivant laquelle la richesse est répartie.

Mais detalhadamente, a demanda que o autor se refere é anual e seria de um país ou mercado específico, sendo que o preço (p_i) seria o preço anual médio. A receita do vendedor (supondo inicialmente um monopolista) seria $p.F(p)$. De maneira que a receita marginal no ponto ótimo é ⁸:

$$F(p) + pF'(p) = 0$$

Posteriormente, Cournot acrescenta uma função custo $\phi(D)$, a qual depende da quantidade explicitamente e implicitamente depende dos preços. De modo que o lucro da firma será:

$$pF(p) - \phi(D)$$

Considerando a hipótese de que a firma maximiza o lucro e de que os produtos são homogêneos, adotada por Cournot e posteriormente consagrada na Ciência Econômica, temos o seguinte resultado:

$$D + \frac{\partial D}{\partial p} \left[p - \frac{\partial[\phi(D)]}{\partial D} \right] = 0$$

Desse modo a concorrência para Cournot é essencialmente do ponto de vista do produtor, o qual busca maximizar sua Receita Marginal ⁹. Porém, em algumas passagens da obra *Recherches* há referências à concorrência para o consumidor, com algum prelúdio do que seria então a teoria de utilidade:

The price of violins or of astronomical telescope might fall one-half and yet probably the demand would not double; for this demand is fixed by the numbers of these who cultivate the art or science to which these instruments belong; who have the disposition requisite and the leisure to cultivate them and the means to pay teachers and to meet the other necessary expenses, in consequence of which the price of the instruments is only a secondary question. On the contrary, firewood, which is one of the most useful articles, could probably double in price, (...); as a large number consumers are disposed to cut down other expenses rather than get along without firewood.

⁷ Ela (a função de demanda) depende obviamente do modo de uso da coisa, da natureza dos serviços que ela pode prestar ou dos gozos que ela proporciona, dos hábitos e costumes de cada povo, da riqueza média e da escala segundo a qual a riqueza é distribuída/repartida.

⁸ Cournot faz a ressalva que apenas se a função objetivo fosse estritamente côncava, ter-se-ia apenas um ponto de máximo. Caso contrário, poder-se-ia ter mais de um ponto de ótimo

⁹ Sobre esse ponto, Gutton escreveu que: "Quand Cournot parle de concurrence c'est de l'existence de plusieurs producteurs offrant le même produit à un même marché: il ne s'occupe pas de la concurrence des acheteurs" ("Quando Cournot fala sobre a concorrência é a respeito da existência de vários produtores que oferecem o mesmo produto para o mesmo mercado: ele não lida com a concorrência dos consumidores", em tradução livre).

O efeito principal da competição na modelagem de Cournot é a de reduzir os preços, isso fica demonstrado na análise que o autor faz do monopólio até a concorrência perfeita, em que os preços se tornam progressivamente menores a medida que o mercado admite mais concorrência. O resultado, em si, já havia sido discutido por outros autores como o Smith, mas a ideia principal da modelagem é desenvolver uma apresentação mais robusta.

Sobre a definição do termo competição, Cournot escreve que:

"Every one has a vague idea of the effects of competition. Theory should have attempted to render this idea more precise; and yet, for lack of regarding the question from the proper point of view, and for want of recourse to symbols (of which the use in this connection becomes indispensable), economic writers have not in the least improved on popular notions in this respect. These notions have remained as ill-defined and ill-applied in their works, as in popular works".(COURNOT, 1838, p. 79)

1.2.1.1 Duopólio de Cournot

A análise subsequente do autor é de um duopólio (capítulo 7 do *Recherches*). Supõe-se que produzem produtos homogêneos, de maneira que cada firma maximiza as seguintes expressões de receita:

$$D_1 f(D_1 + D_2)$$

$$D_2 f(D_1 + D_2)$$

No ótimo as duas firmas estarão maximizando simultaneamente, o que constitui um equilíbrio estável que fica representado no sistema com as seguintes equações:

$$f(D_1 + D_2) + D_1 f'(D_1 + D_2) = 0 \quad (1.1)$$

$$f(D_1 + D_2) + D_2 f'(D_1 + D_2) = 0 \quad (1.2)$$

No caso das firmas fazerem um colúio, obteriam lucros maiores, uma vez que se comportariam como monopolistas, porém o equilíbrio não seria estável: "*condition is not one of stable equilibrium; and, although the most favourable for both producers, it can only be maintained by means of a formal engagement*";. Cournot já antecipara um dos principais resultados da teoria dos jogos, o equilíbrio do duopólio é um equilíbrio de Nash e o caso de colúio não seria estável.

A análise final é de um mercado de concorrência perfeita, em que haverá um sistema de N equações de maximização das firmas, as quais levarão a um equilíbrio

em que a quantidade transacionada no mercado é maior que o de duopólio e de monopólio. Ademais, o preço é sistematicamente menor a medida que mais firmas participam do mercado. Desse modo, o equilíbrio final na concorrência perfeita teria caráter estático, uma vez que pelo número de firmas ser muito grande, uma firma não teria possibilidade de mudar os preços e quantidades transacionadas estabelecidos previamente no mercado. As principais críticas aos modelos matemáticos de concorrência são originadas a partir desse ponto¹⁰.

1.3 Walras

Walras, assim como Cournot, realiza um tratado com abordagem algébrica de Economia e aspira a uma ciência econômica semelhante à Física no sentido de uma sistematização rigorosa. Sobre esse autor, DUMEZ(1985) escreveu que:

Ce dernier (Walras) entend faire de l'économie une science. Pour lui, — sa biographie explique en grande partie son attitude — la Science par excellence est la physique newtonienne (et ses antécédents : Kepler, Descartes, etc.) : elle se constitue en mathématisant un domaine informe jusque-là. Walras joue donc à fond cette idée : il vient de créer la Science économique en la mathématisant. Les interlocuteurs qu'il privilégie tout particulièrement sont les scientifiques.

As principais obras sobre economia de Walras são *Éléments d'économie politique pure*(1874), *Études d'économie politique appliquée* (1898), e *Études d'économie sociale* (1896). O livro *Éléments d'économie politique pure* ficou consagrado no pensamento econômico, sendo traduzido para outras línguas e influenciou sobremaneira a metodologia econômica. O modelo de equilíbrio geral é desenvolvido nesse livro e explicita um relação entre a oferta e a demanda, de maneira a colocar o mercado sob uma perspectiva interdependente entre os mecanismos da produção (oferta) e dos consumidores (demanda). Tal análise se aproxima da abordagem do Marshall, a ser comentada posteriormente, na seção 1.5, mas possui diferenças fundamentais em relação à percepção da metodologia em Economia. O artigo "*Walras, Marshall : Stratégies Scientifiques Comparées*" de DUMEZ(1985) analisa detalhadamente essa diferença entre os autores. De maneira sucinta, Marshall objetivava passar a teoria econômica para empresários e tornar a linguagem mais simples. Enquanto, que a abordagem de Walras seria mais pura, e teria como principal objetivo sistematizar com bastante rigor matemático a teoria econômica.

¹⁰ A crítica em relação à falta de dinâmica em um sistema em que os agentes econômicos não possuem influência nos preços foi desenvolvida especialmente por economistas austríacos tais como Hayek e Kirzner, que terão suas contribuições analisadas em sessões posteriores deste trabalho.

Ao contrário da abordagem de Cournot, a sequência sobre a concorrência desenvolvida em Walras é a partir da concorrência perfeita sendo prosseguida pelas abordagens de concorrência imperfeita. Desse modo, o autor coloca a competição perfeita como paradigma principal da teoria econômica, analogamente aos paradigmas na Física com relação às máquinas sem atrito. Essa contribuição metodológica persiste na maioria dos modelos econômicos contemporâneos, que possuem como modelo *standard* ou *default* o de concorrência perfeita e posteriormente acrescentam outras perspectivas teóricas. Outra diferença fundamental entre a abordagem de Cournot e a de Walras está na função de demanda, que passa a depender da quantidade, maneira mais intuitiva a qual foi utilizada por Marshall também nos *Principles*. Esta mudança foi essencial para o elemento dinamizador em Walras, que é o *tâtonnement* e que será abordado na próxima seção ¹¹.

1.3.1 O equilíbrio geral walrasiano

O modelo de equilíbrio geral de Walras é apresentado a partir da seção II do *Éléments d'économie politique pure*(1874). O autor toma como base mercados competitivos em que as trocas só ocorrem após um ajuste de preço. Se a procura for maior que a demanda, o preço é aumentado, e se a oferta for maior que a procura, os preços abaixam. E, somente após esse ajuste nos preços, as trocas são realizadas. O autor estabelece o conceito de *demanda efetiva* e *oferta efetiva*, que são respectivamente a demanda e a oferta estabelecidos aos preços vigentes. Para a concepção de Walras, "a oferta não passa de uma consequência da demanda"¹². De maneira que todas as ofertas e demandas dos mercados devem ser equivalentes, uma vez que todos os agentes ofertam e demandam nessa Economia, na qual a Lei de Say¹³ é aceita. Algebricamente supondo duas mercadorias na economia (a e b), temos que:

$$D_a = O_b p_b$$

No caso geral, para n mercadorias, a demanda da mercadoria é alcançada a

¹¹ Sobre a função demanda, Walras diz que: "I soon perceived, however, that Cournot's demand curve, which depicted the quantity demanded as a function of price, was rigorously accurate only in the case of a market confined to two commodities. Where more than two commodities are involved in the exchange process, this demand curve is merely an approximation. Restricting my attention, therefore, to the case of two commodities, I rationally derived from the demand curve of each commodity the supply curve of the other and demonstrated how current equilibrium results from the intersection of the supply and demand curves."(WALRAS, 2011)

¹² WALRAS, 1983, página 37

¹³ A Lei de Say comumente é anunciada como "a oferta cria a própria demanda", e se desenvolve a partir do raciocínio que as rendas da produção (salários, lucros e aluguéis) que proporcionam a compra dos agentes, de maneira que o elemento produtivo que causa a demanda.

partir das somas parciais das demandas dos diversos produtos:

$$D_a = f_{a,1} + f_{a,2} + f_{a,3} + \dots = F_a(p_a)$$

Assim como em Cournot, Walras coloca o princípio da otimização dos agentes econômicos: "na troca buscamos a maior satisfação possível de nossas necessidades"¹⁴. A partir disso, chega-se à proposição de Walras de que os preços de equilíbrio são iguais às relações entre as raridades, as quais são equivalentes à utilidade marginal dos bens em termos atuais da teoria econômica

As ofertas e demandas estão presentes em um sistema com n e m equações respectivamente, e por simplificação uma vez que o espaço é exíguo, são mostradas apenas alguma dessas funções assim como está no livro *Éléments d'économie politique pure* (1874):

$$O_t = F_t(p_t, p_v, p_k, \dots, p_b, p_c, p_d, \dots)$$

$$O_v = F_v(p_t, p_v, p_k, \dots, p_b, p_c, p_d, \dots)$$

$$O_k = F_k(p_t, p_v, p_k, \dots, p_b, p_c, p_d, \dots)$$

As equações acima representam a oferta de bens e as equações abaixo representam a demanda:

$$D_t = F_t(p_t, p_v, p_k, \dots, p_b, p_c, p_d, \dots)$$

$$D_v = F_v(p_t, p_v, p_k, \dots, p_b, p_c, p_d, \dots)$$

$$D_k = F_k(p_t, p_v, p_k, \dots, p_b, p_c, p_d, \dots)$$

Um dos preços pode ser considerado numerário e a partir das definições expostas previamente, temos que no agregado dos n mercados, esses estarão necessariamente em equilíbrio, enunciado que posteriormente ficou consagrado na literatura econômica como Lei de Walras.

1.3.2 Walras e *free competition*

Walras propõe o tradicional *laissez-faire*, *laissez-passer* com essa teoria? Certamente, a competição perfeita seria o ideal para demandas privadas, e também para as firmas as quais poderiam maximizar suas utilidades numa perspectiva com maior liberdade, no qual seria obtido algo similar ao modelo canônico. No entanto, ele indica que os princípios de *free competition* não são aplicáveis quando há interesse

¹⁴ WALRAS, 1983, página 53.

público ou quando existem situações de monopólio natural, cabendo então outro tipo de análise.

Especificamente sobre competição, o seguinte trecho elucidava o pensamento Walrasiano:

*O valor de troca abandonado a si mesmo produz-se naturalmente no mercado, sob o império da concorrência. Como compradores, os permutadores aumentam os lances, como vendedores, oferecem em liquidação, e seu concurso produz assim certo valor de troca das mercadorias, ora ascendente, ora descendente, ora estacionário. Segundo essa concorrência funcione de forma melhor ou pior, o valor de troca produz-se de uma maneira mais ou menos rigorosa. Os mercados mais bem organizados em relação à concorrência são aqueles nos quais as vendas e compras são feitas por pregões, por intermédio de agentes como os agentes de câmbio, corretores de comércio e zangões, que as centralizam, de tal modo que nenhuma troca é feita sem que sejam anunciadas e conhecidas as condições e sem que os vendedores possam oferecer em liquidação e os compradores possam aumentar os lances. Assim funcionam as Bolsas de Fundos Públicos, as Bolsas de comércio, os mercados de cereais, de peixes etc. Ao lado desses mercados, existem outros onde a concorrência, embora bem menos regulada, funciona ainda de uma maneira bem conveniente e satisfatória: são os mercados de frutos, legumes e de aves. As ruas de uma cidade onde se encontram magazines e lojas, padarias, açougues, mercearias, alfaiatarias, sapatarias são mercados com uma organização um pouco mais defeituosa em relação à concorrência, mas onde ela se faz sentir suficientemente. É ainda a concorrência, incontestavelmente, que preside a fixação do valor das consultas de médicos e advogados, das sessões de músicos e de cantores etc. Enfim, o mundo pode ser considerado como um vasto mercado geral composto de diversos mercados específicos onde a riqueza social é vendida e comprada, e, para nós, trata-se de reconhecer as leis segundo as quais essas vendas e compras tendem por si próprias a serem feitas. Para isso suporemos sempre um mercado perfeitamente organizado em relação à concorrência, como em Mecânica Pura primeiro supõe-se em máquinas sem atrito (página 34 no livro *Compêndio dos Elementos de Economia Pura de Walras*).*

Dessa maneira, é essencial para a análise walrasiana a ideia de algum agente dinamizador, o qual na teoria de Walras é identificado como leiloeiro, que é um constructo teórico para captar a dinâmica da concorrência, por meio do processo de *tâtonnement*, que é o equivalente ao *market-clearing* walrasiano¹⁵.

¹⁵ Há muita controvérsia na ideia do leiloeiro Walrasiano. Se por um lado, muitos economistas criticam a ideia por ser algo inatingível e totalmente exógeno (MARGLIN, 2018), outros acreditam que a ideia foi exposta de maneira equivocada e há um grande desentendimento da ideia do que seria de fato o processo de *tâtonnement* walrasiano, crítica feita por Jan van Daal na introdução do livro *Theory of the production of social wealth*(WALRAS, 2005)

A abordagem de concorrência imperfeita em Walras na obra *Compêndio dos Elementos de Economia Pura* está centrada em maneiras de corrigir esse problema de concorrência. O autor sugere que sejam feitos leilões para os mercados concentrados ou uma taxa pelo Estado visando atingir maior concorrência e exemplifica com o caso das ferrovias:

Economic monopolies can be distinguished from moral monopolies in the sense that the first can be put under competition conditions, namely by offering them for sale by auction and making them concessions of general interest. What could be more appropriate in the case of the railway industry? According to whether the enterprise is to operate at cost price or at the price of maximum net product, the public sale should be an 'inverse auction' [where participants successively make lower and lower bids], or a normal auction [where participants are bidding up]. In the first case, the bids are tariffs and in the second case rent to be paid to the State. The railways, invariably constructed at the expense of the State by means of capital obtained by bonds issued and guaranteed by the State, would then be put in the hands of the railway companies to work them according to their bid at the auction.

Dessa forma, a obra de Walras justifica a presença do Estado em situações de imperfeição na competição.

1.3.3 Jevons, Menger e Walras

Jevons (1835-1882), Walras (1834-1910) e Menger (1840-1921) possuem importantes contribuições à teoria marginalista. Neste trabalho, optou-se por desenvolver a teoria walrasiana para representar essa revolução marginalista, mas as obras desses outros autores certamente são importantes e influenciaram conjuntamente e, cada uma a seu modo, o pensamento econômico.

1.4 Bertrand

A modelagem de Cournot e do Walras recebeu muitas críticas dos economistas e uma das mais famosas foi a de Bertrand, na qual ele critica a variável de escolha da firma no modelo de Cournot, a qual em Cournot seria a quantidade, apesar de que as firmas competem essencialmente no preço, e discute se as firmas duopolistas não poderiam simplesmente se juntar e formar um monopólio, dividindo os lucros maiores ¹⁶.

¹⁶ Sobre isso, Cournot comenta no seu *Recherches* que: *We say each independently, and this restriction is very essential, as will soon appear; for if they should come to an agreement so as to obtain for each the greatest possible income, the results would be entirely different, and would not differ, so far as consumers are concerned, from those obtained in treating of a monopoly.*, o

O autor também critica a modelagem matemática¹⁷, como está escrito na seguinte passagem de "*Review of Walras's Theorie Mathematique de la Richesse Sociale and Cournot's Recherches sur les Principes Mathematiques de la Theorie des Richesses*":

Practical economists must feel that it would be of little value to study such formulae, be they true or false, so they escape from this study by merely closing the book. If Cournot's theory of wealth, despite the author's intellectual stature, his influence, and the quality of his other works, has failed to attract any serious attention over the past half century, it is because the ideas are lost under the profusion of algebraic signs. Removing the symbols would reduce the book to just a few pages which would nearly all contain judicious comments and assertions worthy of interest.

Com relação a Walras, que foi professor de Bertrand em Lausanne, o autor diz que o modelo de equilíbrio não funciona para demandas discretas e que a definição de *rareté*, que seria equivalente a utilidade marginal em termos atuais, é de pouco proveito para o empresário, cuja função objetivo principal é o lucro e não consegue observar de fato o que seria o *rareté* dos diversos agentes econômicos.

A partir das críticas de Bertrand, estabeleceu-se um modelo com a competição à la Bertrand, no qual a competição se dá essencialmente pelo preço e no equilíbrio de um mercado oligopolizado, as firmas cobram o custo marginal devido à competição e chegam ao mesmo resultado de competição perfeita. Tal modelo é criticado devido à esse resultado, uma vez que mesmo em mercado oligopolizado as firmas não conseguiriam estabelecer um *mark-up* e obter lucros maiores. Outros modelos, como clássico de Stackelberg (1934) buscam outras maneiras de estabelecer a dinâmica das firmas oligopolistas. Tal tema foi bastante desenvolvido por meio de teoria dos jogos, e existem diversas modelagens dos modelos clássicos de Cournot, Bertrand e de Stackelberg. Cada modelo, a seu modo, ressalta um aspecto da competição e para determinados tipos de firma um modelo se adequa mais que outro. No capítulo 2, apresentaremos outras maneiras de analisar a dinâmica concorrencial por meio de desenho de mecanismos.

que diretamente refuta a segunda crítica de Bertrand. De modo que a penas a primeira crítica no que tange a variável de escolha que se consagrou na teoria econômica.

¹⁷ Bornier no artigo *The "Cournot-Bertrand" Debate: A Historical Perspective* (1992) questiona a crítica de Bertrand, uma vez que a quantidade demandada depende implicitamente dos preços e é sugerido no artigo que a crítica de Bertrand tem uma questão pessoal envolvida, uma vez que o autor era avesso às abordagens matematizadas em Economia.

1.5 Marshall - O equilíbrio competitivo Marshalliano

Marshall é um economista que também utiliza o arcabouço teórico da matemática para sua exposição da teoria econômica e possui profunda influência no pensamento econômico por ter tornado a linguagem matemática na Economia mais bem especificada, numa abordagem mais simples do processo econômico¹⁸. A principal obra de Marshall, que é o livro "*Principles of Economics*", foi lançada em 1920 e consiste em um tratado com mais de 800 páginas sobre Economia, uma das referências principais para a Economia neoclássica com amplo sucesso manifestado em 8 edições publicadas do livro.

No capítulo introdutório do *Principles*, Marshall define competição como: "*The strict meaning of competition seems to be the racing of one person against another, with special reference to bidding for the sale or purchase of anything.*". O autor considera que o termo não exprime a essência da *era moderna*, na qual as ações humanas não se baseariam somente na individualidade, mas também em resultados coletivos através da cooperação entre os agentes ¹⁹.

A análise marshalliana é feita através do significado intuitivo do termo e de suas consequências. Nesse sentido, o autor coloca um sentido moral no resultado da competição, a qual levaria ao comportamento irascível e anti-social das pessoas. Segundo Marshall, "*in a world in which all men were perfectly virtuous, competition would be out of place.*" e dentre os autores clássicos, é autor que possui a perspectiva mais crítica do termo no sentido que pode soar inadequado por levar a algo demasiadamente individual e prefere os termos "*Freedom of Industry and Enterprise*" ou "*Economic Freedom*" para caracterizar a indústria e outras atividades econômicas.

Com relação ao modelo econômico marshalliano, a análise é feita em um modelo de equilíbrio parcial, relacionando oferta e demanda dos agentes, uma maneira de incorporar o duplo lado da concorrência. De maneira que o valor para os indivíduos seria obtido a partir da função de utilidade e para os produtores o valor seria advindo da escassez dos bens.

No entanto, essa abordagem pode levar à um caráter estático da concorrência, como foi escrito por BLAUG(1997):

¹⁸ He (Marshall) wants his works to be understood by managers (DUMEZ,1985).

¹⁹ "The term "competition" has gathered about it evil savour, and has come to imply a certain selfishness and indifference to the wellbeing of others. Now it is true that there is less deliberate selfishness in early than in modern forms of industry; but there is also less deliberate unselfishness. It is deliberateness, and not selfishness, that is the characteristic of the modern age" (MARSHALL, 1961).

(...) even Marshall devoted more attention to the action of competition in tightening up the allocation of resources within a given market environment than to the expansion of the market itself. His long-run theorising is essentially static, as he himself would have been the first to admit.

A análise de Marshall foi fundamental para que a matemática se consagrasse como ferramenta da Economia, o modelo de oferta e demanda foi de suma importância para a estudar impacto de impostos, subsídios, políticas de preço máximo ou mínimo e verificar a quantidade ótima de um mercado. Há uma continuação em relação à economia clássica no sentido de ele abordar também sobre a renda da terra, sobre os salários dentre outros temas tradicionais ²⁰.

1.6 Hayek e a perspectiva austríaca sobre o conceito de competição

Hayek, um dos autores da escola austríaca mais influentes do pensamento econômico, coloca em perspectiva crítica a análise concorrencial, que para ele é essencialmente dinâmica, mas está circunscrita à análises estáticas nas análises tradicionais: "*competition is by its nature a dynamic process whose essential characteristics are assumed away by the assumptions underlying static analysis*". E de maneira mais completa, Hayek define competição como:

*Competition is essentially a process of the formation of opinion: by spreading information, it creates that unity and coherence of the economic system which we presuppose when we think of it as one market. It creates the views people have about what is best and cheapest, and it is because of it that people know at least as much about possibilities and opportunities as they in fact do. It is thus a process which involves a continuous change in the data and whose significance must therefore be completely missed by any theory which treats these data as constant. (HAYEK, F. **The meaning of competition. Individualism and economic order**, v. 92, p. 98, 1948.)*

A ideia de diferenciar os produtos comprometeria a ideia de produtos homogêneos, impossibilitando todo o processo de maximização previamente formulado por Cournot e outros economistas que utilizaram essa ferramenta. Ademais, para o autor o caráter heterogêneo dos produtos teria papel fundamental na competição:

²⁰ "*Marshall invente la pensée « néo-classique » qui, comme son nom l'indique, reprend une partie de la théorie classique en l'intégrant dans un modèle plus large. Marshall se présente donc comme un continuateur des classiques, un théoricien qui ne nie pas l'apport de Smith, Ricardo ou Mill que pratiquaient les économistes de l'époque, mais qui approfondit cet apport en résolvant des problèmes théoriques dans lesquels la pensée classique se débattait sans pouvoir les résoudre et in pro posant un nouveau champ de recherche*"(DUMEZ).

*"The conception of the economic system as divisible into distinct markets for separate commodities is after all very largely the product of the imagination of the economist and certainly is not the rule in the field of manufacture and of personal services, to which the discussion about competition so largely refers. In fact, it need hardly be said, no products of two producers are ever exactly alike, even if it were only because, as they leave his plant, they must be at different places. These differences are part of the facts which create our economic problem, and it is little help to answer it on the assumption that they are absent."(HAYEK, F. **The meaning of competition**. Individualism and economic order, v. 92, p. 98, 1948.)*

Ademais, o autor critica a ideia de equilíbrio de longo-prazo, o qual para ele, seria impossível de ser alcançado numa economia em mudança constante, desse modo, a análise de concorrência perfeita não seria a mais relevante do processo econômico, com a qual seria necessário ter informação perfeita dos agentes, de modo que a concorrência imperfeita e o processo de barganha informacional que deveriam estar no centro do estudo econômico:

*"The practical lesson of all this, I think, is that we should worry much less about whether competition in a given case is perfect and worry much more whether there is competition at all. What our theoretical models of separate industries conceal is that in practice a much bigger gulf divides competition from no competition than perfect from imperfect competition."(HAYEK, F. **The meaning of competition**. Individualism and economic order, v. 92, p. 98, 1948.)*

É interessante notar as diferenças metodológicas para Hayek e os economistas matemáticos. O primeiro explicita o conceito de competição, enquanto para os demais a competição estaria dentro do processo de maximização das firmas e dos consumidores. E pelo modelo algébrico, as firmas chegariam num equilíbrio ótimo e estático, dadas as funções de oferta e demanda, mas na análise austríaca não haveria essa possibilidade devido ao caráter essencialmente dinâmico do mercado. Tais críticas austríacas foram incorporadas em modelos posteriores de concorrência, Joan Robinson e Chamberlin acrescentaram a diferenciação de produtos através da concorrência monopolística e Ostroy e Makowsky endogeneizaram os preços ao modelo, gerando então um equilíbrio dinâmico em competição perfeita.

1.7 Clark e Knight - O conflito entre os autores em suas diferentes perspectivas sobre o conceito de competição

Os autores Clark e Knight tiveram muitas contribuições sobre a teoria da competição. Clark começou a desenvolver uma teoria dinâmica para a Economia,

um grande avanço à época, em que as análises econômicas eram predominantemente estáticas²¹. A crítica ao modelo estático da Economia se reflete também em uma crítica ao modelo *standard* de competição perfeita, que resulta em um equilíbrio estático. Tal crítica está presente em diversas partes da obra bibliográfica de Clark, entre cartas, livros e artigos. No artigo *Static Models and Dynamic Aspects* o autor relata as limitações do modelo de competição perfeita:

"A more troublesome consequence of the model consists of the normative conclusions that are, rightly or wrongly, drawn from it. As a standard of so-called "perfection," it is one-legged, focusing on the essentially static objective of cost-price equilibrium, to the neglect of the dynamic objectives of progress" (CLARK, 1955).

Knight foi um precursor da economia da informação e em seu livro "Risk, Uncertainty and Profit" escreve críticas à teoria de Clark a partir de uma abordagem informacional. Enquanto Clark realça que é a dinâmica do modelo que leva aos lucros das firmas, Knight enfatiza a incerteza como mecanismo propulsor da remuneração dos empreendedores²². Desse modo, em concorrência perfeita haveria informação perfeita dos agentes, o que levaria ao lucro zero.

De maneira geral, o autor não se refere somente à obra de Clark, mas critica de maneira geral a polarização da Economia entre teóricos puros e economistas matemáticos:

"Num extremo, temos os economistas matemáticos e os teóricos puros, para os quais pouco ou nada fora de um sistema fechado de deduções tiradas de um número muito pequeno de premissas tidas como leis universais deve ser considerado como Economia científica. No outro extremo, há certamente uma tendência forte e talvez crescente para repudiar totalmente a abstração e a dedução, e insistir na ciência puramente objetiva e descritiva. E entre esses dois extremos existem todos os matizes de opinião."

A concorrência, sob a perspectiva knightiana, é separada entre a teórica e a real. Esta incorporaria a incerteza, que seria em essência o que não fosse capaz de ser mensurável, o não-risco. E aquela²³ necessitaria de informação perfeita no sistema econômico, de maneira que não haveria nenhum tipo de incerteza.

²¹ Estático no sentido de não haver uma preocupação com a trajetória dos preços, mas com o equilíbrio da Economia.

²² "It is not dynamic change, nor any change, as such, which I causes profit, but the divergence of actual conditions from those which have been expected and on the basis of which business arrangements have been made. For a satisfactory explanation of profit we seem to be thrown back from the "dynamic" theory to the Uncertainty of the Future, a condition of affairs loosely designated by the term "risk" in ordinary language and in business parlance." (KNIGHT, 1972)

²³ Competição aqui está representando a competição perfeita.

Outro aspecto relevante da abordagem de Knight é uma discussão social do problema econômico de competição, o qual precisaria de mecanismos para ter mais igualdade de oportunidades, é algo interessante uma vez que incorpora novamente à discussão econômica o conflito distributivo, que era um tópico bastante estudado pelos economistas clássicos²⁴. Segundo ele:

A confusão de causalidade com mérito é um erro indesculpável pelo qual a psicologia burguesa da sociedade moderna seja talvez a principal responsável que se deva acusar, embora os teóricos da produtividade não estejam isentos de culpa. Devemos resguardar-nos de pensar que o ajustamento "natural" do sistema competitivo tenha importância moral, embora seja, decerto, "ideal" no sentido científico de ser uma condição de estabilidade. Chamá-lo de "melhor solução possível" é simplesmente incorrer em petição de princípio ou deturpar as palavras".

As contribuições de Knight e Clark influenciaram sobremaneira a teoria econômica, com relação ao problema da dinâmica em microeconomia muitos modelos se estabeleceram com equações diferenciais para captar o ajuste de preços, como por exemplo, o modelo de "teia de aranha" no qual o ajuste do preço é sucedido por um ajuste na quantidade e os modelos DSGE (*Dynamic Stochastic General Equilibrium*), os quais são modelados a partir de equações diferenciais. Ademais, a perspectiva informacional foi resgatada sobretudo por economistas comportamentais, como é o caso do Gabaix cujo modelo será analisado no capítulo 2, que descrito de maneira simplificada, faz uma endogeneização da atenção dos agentes por meio de um vetor informacional no modelo²⁵.

1.8 Sraffa, Chamberlin e Robinson - Competição imperfeita ganha notoriedade no debate econômico

Sraffa, Chamberlin e Robinson desenvolveram importantes críticas à teoria econômica *mainstream*, em especial em relação à ênfase das teorias com a competição perfeita, presentes nos modelos de equilíbrio geral. Sraffa no artigo *As leis dos Rendimentos sob Condições de Concorrência* critica muitos aspectos do *mainstream* marshalliano (MARCUIZZO, 2016), em especial a independência entre a oferta e a demandas nas análises de equilíbrio parcial e de que a lei de rendimentos crescentes estaria incompatível com a concorrência perfeita, justificando uma busca por uma análise do mercado de competição imperfeita: "Torna-se necessário, portanto,

²⁴ David Ricardo e Karl Marx, por exemplo, dedicaram parte significativa da análise econômica para o conflito distributivo entre as classes sociais.

²⁵ GABAIX, A Behavioral New Keynesian Model, 2016.

abandonar o caminho da livre concorrência e voltar para o lado oposto, isto é, em direção ao monopólio"(SRAFFA, pág.22)²⁶.

O monopólio para Sraffa²⁷ decorreria naturalmente para custos decrescentes, ou seja, as economias internas das empresas tornariam o monopólio mais eficiente. Desse modo, para ter algum tipo de competição seria necessário que os custos sejam explicados por economias externas, mas esses custos frequentemente afetam outros setores, o que coloca em xeque a condição de *ceteris paribus*. Sraffa, desse modo, questiona uma miríade de hipóteses e axiomas marshallianos, especialmente relacionados à firma produtora.

Chamberlin com o livro "*Theory of monopolistic competition*" escrito em 1933 coloca em xeque a teoria de competição. Para ele, havia uma radicalização da teoria, que ora se voltava para competição pura e ora explicava monopólio, de maneira que uma mistura desses tipos de competição, que é o que acontece com mais frequência na realidade, estava sendo omitido na teoria, "*(...)price theories have followed, in the main, the two extreme channels, without (conscious) recognition of a middle course*"(CHAMBERLIN, 1948). O monopólio puro seria atingido somente se houvesse um controle total da oferta de todos os bens e se não houvesse substitutos entre eles. Por outro lado, a competição perfeita se daria se houvesse uma série de produtos padronizados, todos perfeitamente substitutos entre si.

O que o autor quer demonstrar é que a competição no mercado se encontrará em algum ponto intermediário, como é o caso da concorrência monopolística em que os produtores buscam diferenciar seus produtos para conseguir uma margem de *mark-up*. Desse modo, a dinâmica dos preços se dará em conformidade com o que estiver mais forte da concorrência, se tender para um mercado mais monopolizado tenderá a uma pressão ascendente nos preços, mas se o mercado estiver mais competitivo, com produtos com mais substituição entre si, os preços tendem para baixo. Logo, a economia seria perfeitamente monopolística, em que as empresas por meio de marcas, propaganda e alguma melhoria na qualidade buscam tornar o produto diferenciado para o consumidor, objetivando tomar o mercado por meio de uma alteração da demanda e possibilitando, assim, maiores lucros. Sobre isso, CHAMBERLIN (1948) escreveu que : "*The volume of his (do produtor) sales depends in part upon the manner in which his product differs from that of his competitors*".

²⁶ Sobre Sraffa MARCUZZO escreveu que: "The arrival of Sraffa in Cambridge in 1927 marked the onset of upheaval with new and subversive ideas. He had criticized Marshall in the famous 1925 and 1926 articles which had driven Keynes to invite him to Cambridge, showing that Marshall's supply curve of an industry in perfect competition was built on assumptions both unrealistic and inconsistent with the partial equilibrium approach"(MARCUIZZO, 2016).

²⁷ SRAFFA, 1977.

Joan Robinson no livro "Economics of Imperfect Competition" escrito em 1933 também desenvolveu um sistema com competição monopolística, chegando a conclusões semelhantes ao do texto de Chamberlin²⁸, isto é, de que a competição está sobretudo no ponto intermediário de monopólio e competição perfeita e, por isso, a análise deveria estar centrada nesse ponto. Chamberlin, Robinson e Sraffa formaram uma consistente base teórica da competição imperfeita. Este, sobretudo, no que concerne a firma nos retornos de escala, e os outros modelam a competição monopolística, o que explica a discriminação de preços, a propaganda e as patentes. Vale ressaltar que os autores clássicos também se preocupavam e analisavam a competição imperfeita, como por exemplo, no modelo de Cournot. A novidade estabelecida por esses economistas é estudar mercados em que os produtos não são padronizados, reassaltando mudanças na demanda por meio da propaganda, e mudanças nos custos devido a economias externas.

1.9 Keynes - Equilíbrio em competição perfeita com desemprego involuntário

Keynes na "Teoria Geral do Juro, da Renda e do Emprego" (KEYNES, 2013) analisou uma economia na qual haveria um equilíbrio entre a oferta e a demanda agregada mesmo com competição perfeita. Apesar de seus colegas em Cambridge (Robinson, Sraffa) estarem desenvolvendo a teoria da competição imperfeita, o economista inglês não escreveu sobre o tema. Existem diferenças metodológicas entre esses conceitos os quais impediram uma conciliação da revolução Keynesiana com a teoria da competição imperfeita. O desequilíbrio no mercado de trabalho acontece mesmo no caso de concorrência perfeita devido à problemas estruturais de demanda²⁹.

Marglin comenta sobre o problema da interpretação da obra de Keynes, a qual foi comumente analisada como uma fricção do modelo de competição perfeita no livro *Raising Keynes*, :

²⁸ Sobre o livro de Chamberlin, Robinson diz que "*The twin to my book, Chamberlin's Monopolistic Competition, opened up these subjects, but in the subsequent controversies Chamberlin appeared to be more concerned to defend the market system than to expose its drawbacks.*", o que evidencia uma diferença na abordagem dos autores, apesar de tratarem do mesmo objeto de pesquisa. Os capítulos 25 e 26 analisam a exploração do trabalho, o que remete à influência do pensamento marxista na teoria Robinson.).

²⁹ Muitos seguidores de Keynes, em especial os novos-keynesianos utilizam da análise da competição imperfeita e utilizam as fricções e limitações informacionais dos agentes como justificativa para a rigidez de preços e para o *mark-up* dos salários dos trabalhadores, como por exemplo no artigo "A Behavioral New Keynesian Model", Gabaix, 2016.

I have argued that the internal attractions of assimilating Keynes to the mainstream, stripping The General Theory of its most radical implications, had an intellectual appeal all on its own. But this appeal could only have been strengthened by the survival advantages of a Keynesian economics which, far from reducing the mainstream to a special case of a more general theory, reduced The General Theory to a special case of sand in the wheels. Theoretical accommodation thus served both intellectual and political purposes.

Desse modo, apesar da escola de Cambridge em sua era de ouro (MARCUSOZZO, 2016) estar desenvolvendo a teoria da competição imperfeita sobretudo com os escritos de ROBINSON(1933), a revolução keynesiana pautou por outras questões as quais não dependiam essencialmente do conceito de competição, mas do conceito de equilíbrio na Economia, o qual poderia ser alcançado com desemprego voluntário ³⁰. Segundo BRADY (2018), Keynes não revisou a obra de Robinson sobre competição imperfeita por considerá-la sem sentido, pois não estava dialogando com a teoria de preferência pela liquidez keynesiana³¹. O artigo de BRADY(2018) segue mais adiante na crítica e indica que Keynes apresentava uma desconfiança da autoria de Joan Robinson, o qual teria indícios de contribuições de outros economistas de Cambridge: Austin Robinson e Richard Kahn.

1.10 Israel Kirzner - O papel empresarial na competição

O economista austríaco Kirzner na obra "Competição e atividade empresarial" realiza uma severa crítica ao desenvolvimento do conceito de competição nos modelos econômicos, os quais segundo o autor, por focarem na questão do equilíbrio, tornavam secundária a função do empresário, que ao contrário do que a teoria analisava, teria função primordial no processo de competição. Desse modo, ele busca colocar na teoria a importância do empresário dinamizador da Economia, de modo que a variável principal de equilíbrio não seriam os preços, mas a ação dos empresários de aproveitarem oportunidades no mercado, seja melhorando a qualidade do produto e/ou reduzindo o preço do produto para conseguir vender mais produtos. A conclusão de Kirzner em relação a isso é que : "(...) a competição é inerente à natureza do processo empresarial de mercado. Ou, para dizer de outra maneira, a atividade empresarial é inerente ao processo competitivo de mercado"(KIRZNER,1985).

³⁰ Uma discussão detalhada sobre esse assunto pode ser vista no livro *Raising Keynes* do economista Stephen Marglin.

³¹ Em uma carta endereçada a Joan Robinson em 1936, Keynes escreveu: "*I beg you not to publish*(O livro *Economics of Imperfect Competition*). *For your argument as it now stands is most certainly nonsense.*".

Desse modo, a competição vista nos modelos *mainstream* não contemplaria o elemento dinâmico na competição perfeita, pois nesse constructo teórico a oferta e demanda teriam elasticidade infinita, de maneira que cada participante não teria poder para mudar os preços³². Ora, se nenhum agente pode mudar os preços, os equilíbrios se dão independentemente da atuação do empresário e toda a dinâmica econômica cessa. Ademais, o autor também critica as teorias de competição monopolística desenvolvidas por Chamberlin e Robinson por também não estarem incorporando a questão empresarial.

A perspectiva do Kirzner sobre competição muito embora não seja a predominante na teoria econômica, influenciou sobremaneira modelos posteriores de competição, os quais buscaram incorporar as críticas e trazer uma abordagem mais realista da competição, colocando um papel para o empresário³³.

1.11 Schumpeter - Competição pela inovação

Schumpeter critica a análise do *mainstream* walrasiano focada no equilíbrio estático e destaca na obra "Capitalismo, Sociedade e Democracia" a importância do caráter inovador do capitalismo. Nesse sentido, a interpretação de competição perfeita a qual Schumpeter toma como paradigma é a que apresenta informação perfeita e não há espaço para empreendedorismo, como o autor escreve no seguinte trecho:

"The introduction of new methods of production and new commodities is hardly conceivable with perfect- and perfectly prompt- competition from the start. And this means that the bulk of what we call economic progress is incompatible with it. As a matter of fact, perfect competition is and always has been temporarily suspended whenever anything new is being introduced- automatically or by measures devised for the purpose - even in otherwise perfectly competitive conditions"

Deste modo, a concorrência perfeita seria uma situação de exceção (SCHUM-PETER, pág.14, 2017) e as situações de monopólio e demais tipos de competição imperfeita que estariam moldando e fazendo parte do desenvolvimento do capitalismo sob a perspectiva schumpeteriana.

³² Em outras palavras, os agentes econômicos são tomadores de preços.

³³ A teoria de desenho de mecanismos e de leilões, por exemplo, coloca a dinâmica do mercado de maneira mais complexa, e dependendo da modelagem, pode levar a resultados onde o empresário tem maior relevância.

1.12 Jean Tirole - Organização Industrial

O estudo de competição imperfeita se consagra com o subcampo de "Organização Industrial (OI)", o qual foi adicionado pela *American Economic Association* (AEA) em 1940 (PHILLIPS, STEVENSON, 1974), e tem como objeto de estudo situações em divergência da competição perfeita, mercados monopolísticos, políticas públicas de regulação de mercado dentre outros tópicos correlatos. Tal como Jean Tirole escreveu no livro *The theory of industrial organization* existem duas "ondas" principais em organização industrial, a teórica e a empírica ³⁴. Em que esta estuda os dados sobre as empresas em estudos econométricos e àquela desenvolve modelos teóricos para as diversas situações de competição imperfeita, utilizando especialmente teoria dos jogos devido ao caráter de interdependência estratégica encontrado nos problemas de OI.

Apesar de ser incorporado na AEA (American Economic Association) em 1940, o campo de estudos de OI está presente desde Cournot e Marshall, por exemplo, os quais modelam mercados imperfeitos, mas o estudo de OI representa uma ruptura dos economistas com modelos de equilíbrio geral como o de Arrow-Debreu ³⁵ e o Walrasiano, os quais foram centrais no pensamento econômico; a competição imperfeita se configurava como derivado e não como eixo central de discussão. Desse modo, os economistas que estudam "*industrial organization*" apresentam como escopo principal mercados fora do modelo *standard*. O livro *The Theory of Industrial Organization* (1994) apresenta de maneira detalhada os principais temas e modelos de OI e é um importante marco teórico dessa abordagem de competição.

1.13 Stigler - Competição contemplada historicamente e a crítica das teorias de competição monopolística

O artigo de Stigler de 1957 ³⁶ coloca em discussão o conceito de competição por meio de uma apresentação da trajetória histórica do conceito de competição. O autor, em poucas palavras, descreve a tese do artigo:

My fundamental thesis, in fact, is that hardly any important improvement in general economic theory can fail to affect the concept of competition. But it has proved to be a tough and resilient concept, and it will stay with us in recognizable form for a long time to come. (STIGLER, página 17, 1957).

³⁴ O escopo desse trabalho é direcionado especialmente à abordagem teórica, uma vez que o objetivo essencial é analisar o desenvolvimento do termo "competição".

³⁵ *Topological methods in cardinal utility theory*, 1959

³⁶ STIGLER, George J. *Perfect competition, historically contemplated*

Stigler, além de analisar o processo histórico da competição, realizou contribuições para a teoria e fundamentou críticas, em especial à teoria de competição monopolística do Chamberlin. Stigler escreveu uma carta para Chamberlin em 1947 elucidando suas críticas (à teoria de competição imperfeita):

"And I am distressed that my failure to accept the theory of monopolistic competition is a crime, per se. This may be so, but it requires proof. I criticize your distinction between production and selling costs; you are silent. I disagree with your abandonment of the industry concept and explain why; you are silent. I argue that combinations are of basic importance; you find this irrelevant as if my task is to do justice to theories instead of reality. . . In any event, it is not a sin to reject your orientation; in this I have very illustrious companions. I am prepared to argue (1) that your theory is indeterminate and (2) that it is not useful (often) in realistic analysis. I do not recall a single consistent application of it to a real problem, and this is the ultimate failure of a theory"(Stigler, 1947).

Em 1946 escreveu o livro *The Theory of Price* e em 1969 escreveu o livro *The Organization of the Industry* os quais versam sobre a competição. Sobre a contribuição de Stigler, DIXIT(2003) escreveu que:

Stigler's final verdict was that economists should keep in their toolbox only the two extreme models of perfect competition and pure monopoly, and use whichever is appropriate for studying the question being posed. Sometimes one aspect of the same industry might be better understood in the light of one theory and another aspect using the other theory. (DIXIT, Some reflections on theories and applications of monopolistic competition, 2003.)

Desse modo, a generalidade da teoria da competição imperfeita foi questionada severamente e a teoria de Stigler pode ter prevalecido, pois na teoria econômica foram desenvolvidos uma miríade de modelos de competição imperfeita, cada um ressaltando uma face da competição, tal como são os modelos que explicam patentes ou propagandas, de modo que o arcabouço de competição monopolística se fragmentou a depender do que se queira analisar na Economia.

1.14 Makowsky e Ostroy - Competição perfeita e criatividade

O artigo *Perfect Competition and the Creativity of the Market* escrito em 2001 pelos autores Makowsky e Ostroy resgatam o tema da competição perfeita, o qual por muito tempo ficou fora da pesquisa mainstream em Economia³⁷. Os autores

³⁷ A competição perfeita em si sempre foi presente como modelo paradigmático, mas o foco dos trabalhos modernos se concentravam em ver as divergências com o modelo *standard*, seja com informação imperfeita, miopia dos agentes, desatenção, etc.

fazem um modelo de competição perfeita com maximização de preços endógena, em que os agentes econômicos fazem sucessivos processos de arbitragem. Desse modo, o modelo é importante no sentido que incorpora diversas críticas ao modelo de competição perfeita feitas, por exemplo, por Hayek, Kirzner e por Schumpeter, de que o modelo de concorrência perfeita seria estático e não permitiria espaço para a inovação. Ademais, expandiu o horizonte de pesquisa para a teoria de competição perfeita, permitindo um desenvolvimento teórico além do empírico³⁸.

³⁸ Os estudos de equilíbrio geral no final do século XX se concentraram em modelos de equilíbrio computável com ferramentas para análise empírica.

2 Competição perfeita

2.1 O conceito de competição perfeita e suas vastas interpretações

A partir dessa retrospectiva histórica, chega-se à conclusão que o conceito de competição permeia todos os modelos microeconômicos, apesar de não ser definido de maneira metódica em muitos dos autores. A competição perfeita aparece sobretudo como modelo *standard* no qual a concorrência estaria funcionando plenamente. Em Cournot, Walras e Marshall a concorrência é o elemento dinamizador, muito embora a dinâmica seja comprometida com a exogeneidade dos preços. Sraffa, Robinson e Chamberlin avançam no desenvolvimento da teoria da competição imperfeita, com um modelo no qual cabe a heterogeneidade de produtos. Makowsky estabelece um modelo endogenizando os preços e retomando essa discussão da competição.

O conceito de competição perfeita, enfim, é atual? Como os modelos contemporâneos lidam com essa questão? Ademais, a competição perfeita é um paradigma adequado? Em que parte a teoria avançou e superou esse modelo *standard* e de que maneira ele persiste nos modelos?

A competição perfeita se concretiza quando há, pelo lado da produção, uma elasticidade infinita da oferta e, pelo lado da consumo, uma elasticidade infinita da demanda. Desse modo, nenhum agente teria capacidade de mudar os preços e seriam *price-takers*. Mas a competição perfeita não se baseia somente nisso, pois precisa de outras hipóteses subjacentes a elasticidade perfeita da oferta e da demanda, que são, homogeneidade dos produtos, informação perfeita, ausência de custos de transação, as quais podem ser bastante restritivas pro conceito. Apesar dessa restrição, o arcabouço de competição perfeita se consagrou na teoria, o que pode ser verificado no site *N-Grams*¹, cujo gráfico com informação dos livros escritos na língua inglesa de 1800 a 2000 contendo os termos "perfect competition", "monopolistic competition" e "imperfect competition". É notável que o termo competição perfeita predomina na série temporal, excetuando o período de 1938 a 1941 no qual o termo monopolistic competition é mais utilizado nos livros, o que se justifica com a obra de Chamberlin e Robinson que colocaram esse termo em evidência:

¹ O *Google Books Ngram Viewer* é um mecanismo de busca online que apresenta o resultado de pesquisa de termos que aparecem em livros a partir de n-gramas.



Figura 1 – Google N-grams para os termos *perfect competition*, *monopolistic competition* e *imperfect competition*.

Fonte: Google Ngram Viewer.

O grau máximo de competição estabelece uma série de desafios para a teoria econômica, e um dos principais é estabelecer a dinâmica dos preços. Se nenhum agente econômico seja firma ou consumidor tem poder de afetar os preços, o que faz com que eles mudem? Qual é o mecanismo que está por trás da dinâmica de preços, que garante o equilíbrio? Esse assunto já foi estudado por ARROW (1959), MAKOWSKY e OSTROY (2001), dentre outros importantes microeconomistas, mas essa questão permanece sem um consenso na teoria econômica e a maneira mais utilizada para conseguir estabelecer a dinâmica dos preços é relaxar algumas hipóteses da competição perfeita, como por exemplo a flexibilidade dos preços a curto prazo e a informação perfeita. Nas próximas subseções analisaremos mecanismos de competição com outras abordagens além da competição perfeita com fim de exemplificar teorias que permitem analisar a trajetória dos preços.

2.1.1 A competição em desenho de mecanismos

A literatura de desenho de mecanismos, encontrada por exemplo em MCAFFE (1993) e PETERS; SEVERINOV(1997) coloca de maneira sofisticada a competição, na qual advem de um mecanismo de leilão de agentes ofertantes e demandantes, os quais possuem limites informacionais. Isso tornou o assunto bastante complexo e abstrato. É uma forma na qual os conceitos puros de competição não se verificam, uma vez que existem parâmetros que limitam essa percepção informacional e/ou cognitiva dos agentes. Desse modo, a competição por essa construção teórica depende essencialmente dos parâmetros a serem tomados em conta na análise, uma vez que os agentes econômicos podem não saber os *payoffs* dos demais participantes do mercado.

Por fim, conceituar competição torna-se uma tarefa mais trabalhosa devido a esse amálgama teórico, como PETERS(2014) escreveu: "*an agent's type in a competitive environment is hard to conceptualize because it depends on information the agent has about what is going on in the rest of the market*". O conceito de competição, portanto, sob esse arcabouço teórico se dissipa para além de suas formulações precedentes, apesar de indiretamente ser o elemento dinamizador do processo.

2.1.2 Competição perfeita e informação - A crítica comportamental de Gabaix

A competição perfeita está atual na questão dos teóricos comportamentais (GABAIX, 2016), que analisam sobretudo a questão informacional dos modelos econômicos, na qual no modelo sem fricção os agentes observariam de maneira completa um vetor informacional e a partir disso fariam suas decisões de consumo e investimento. Esses autores introduzem para a teoria a questão da miopia dos agentes, segundo a qual os agentes não observam todo o vetor informacional, mas apenas o que estiver mais saliente e for mais relevante para o agente econômico.

Desse modo, a competição perfeita se faz importante no sentido de ser o eixo principal a ser colocado em xeque pelos economistas comportamentais, de maneira que sua análise é fundamental para esse campo na Economia. A característica fundamental na competição perfeita para esses teóricos é a informacional, e é por esse eixo teórico que as contribuições comportamentais se desenvolvem. HOSSAIN, T. & MORGAN, J. (2006) analisam que os agentes econômicos frequentemente não se atentam ao valor do frete na compra dos produtos no *Ebay*, o que distorce a análise custo-benefício, justificando que a competição, mesmo em plataformas as quais permitem que muitos compradores e vendedores participem, apresenta fricções do modelo padrão devido à agentes que não se informam completamente sobre os produtos e outros preços relevantes na compra tais como frete e impostos, o que justifica a dinâmica dos preços a partir da atenção dos agentes para com os produtos e suas diversas características tais como custo de transporte, especificações técnicas e qualidade.

2.1.3 Competição perfeita e *searching*

BECKER(1971) escreve sobre a questão do custo de se adquirir informação no mercado (custo de *searching*). Sob esse ponto, os agentes podem comprar mercadorias mais caras por ser dispendioso verificar os preços em outros mercados. Isso poderia

inviabilizar a competição perfeita no sentido que o preço deixaria de ser a única análise de custo do agente, de maneira que o custo a ser incorporado é o de *searching*, o qual pode ser bastante diferente entre as pessoas de acordo com o custo de oportunidade e renda disponível para o consumo. O autor exemplica isso no seguinte trecho:

Although lower prices can generally be found by shopping around, by "searching", searching itself is time consuming and thus costly: a housewife may expect to find lower prices if she canvasses 100 grocery stores than if she canvasses a few, but at some point the gain from additional canvassing would be too small to be worth the cost in time and other resources.

2.2 Competição perfeita: ainda subsiste como conceito atual?

Segundo KIRZNER(1985) a competição perfeita, por mais que seja criticada, é o modelo amplamente utilizado e tem sua importância devido a isso. Em suas palavras:

"Competição, como nos disseram muitos autores, é uma expressão que tem sido usada em inúmeros sentidos. Os economistas têm trabalhado com muitos modelos diferentes, cada um trazendo um ou outro rótulo para o termo competição. O modelo de competição perfeita ainda é central para grande parte da teoria do preço contemporânea. A despeito de todas as críticas que choeram sobre esse modelo durante os últimos quarenta anos, ele ainda ocupa o centro do palco, em discussões tanto positivas como normativas. A insatisfação com a teoria da competição perfeita produziu novos modelos que tratam de várias estruturas de mercado de competição imperfeita, mas eles não lograram desalojar da sua posição de preeminência o modelo de competição perfeita."

Os modelos de desenho de mecanismos, todavia, subvertem o constructo teórico da competição perfeita e constituem modelos os quais não são originados da competição perfeita, mas de uma dinâmica complexa entre compradores e vendedores (PETERS, 2014). Atualmente, é possível fazer teoria econômica pura sem o paradigma de competição perfeita, e essa linha de pesquisa possivelmente será profícua, uma vez que há muito que ser desenvolvido a partir desse novo paradigma, que busca aproximar o modelo microeconômico da realidade. De todo modo, a competição perfeita continua tendo uma importância significativa em outros campos teóricos, tais como o comportamental e em muitos modelos macroeconômicos microfundamentados, tais como o de GÁLI; BLANCHARD (2005) no qual a competição perfeita subsiste como paradigma teórico. Ademais, existem alguns mercados que se adequam à modelagem de competição perfeita, como é o caso do mercado de *commodities*, nos quais os produtos são homogêneos e há muitos compradores e vendedores.

3 Competição Imperfeita

3.1 Competição Imperfeita - Uma perspectiva atual

A competição imperfeita está presente em todo caso em que a oferta ou a demanda não são perfeitamente elásticas, o que leva a algum poder de mercado seja no lado do consumidor ou do lado do produtor. É sob a competição imperfeita que os modelos econômicos passam a ter maiores semelhanças com a realidade e práticas cotidianas tais como discriminação de preços e heterogeneidade de produtos podem ser analisados por esse viés teórico ¹.

Em modelos macroeconômicos atuais, especialmente os de novos-keynesianos tais como GABAIX (2016) e GÁLI; BLANCHARD (2005), a competição imperfeita é apresentada sob a forma de um *mark-up* das firmas, que representa o poder de monopólio delas. No entanto, para a microeconomia apesar de haver uma miríade de modelos com o referencial teórico de competição imperfeita, herança dos escritos de Chamberlin e Robinson, tem-se desenvolvido muitas teorias além da análise tradicional de competição imperfeita, partindo, por exemplo, da dinâmica do que acontece em mercados *online* tais como *eBay* (HOSSAIN, T. & MORGAN, J., 2006). Além disso, a parte de desenho de mecanismos, a qual foi apresentada no capítulo anterior.

Desse modo, a tendência para esse referencial teórico é de se destrinchar em diversos subtemas tais como economia da informação, teoria dos jogos e economia comportamental.

3.2 É possível desenvolver um arcabouço teórico de competição imperfeita sem o *benchmark* de competição perfeita?

KNIGHT (1939) escreveu que a única maneira de se analisar competição imperfeita era contrastando com a competição perfeita². Desse modo, um conceito não se separa do outro por completo e, portanto, são complementares. Mas, existiria

¹ Sobre isso, KNIGHT (1939) escreveu: "(...)the relation between perfect and imperfect competition is essentially the relation between theory and reality or practice in economics".

² "And I know no way to discuss imperfect competition except by contrasting with perfect competition"(KNIGHT, 1939).

outra maneira de se abordar a competição imperfeita para além do benchmark de competição perfeita?

Discorrer sobre competição imperfeita sem ter um paradigma do que seja competição perfeita pode ser improvável. Todavia, faz-se notar que há inúmeras maneiras de se definir e qualificar a competição perfeita, seja pelo âmbito da (im)possibilidade de algum agente econômico mudar os preços; pela questão de assimetria informacional entre diferentes tipos de agentes (SPENCE, 1973; SPENCER, 1973) ou pela rigidez de preços no mercado que impede que o resultado de competição perfeita seja atingido (MANKIWI, 1985).

Outra questão teórica relevante para a competição imperfeita é se seria todo e qualquer tipo de competição que não se adequasse ao *benchmark* de competição perfeita. É possível ter um mercado com vários produtos e muitos ofertantes e demandantes, mas mesmo assim não se adequar exatamente no modelo de competição perfeita por haver algum tipo de assimetria informacional ou rigidez nos preços. A competição monopolística, que foi desenvolvida com heterogeneidade de produtos a priori foi desenvolvida como algo além da competição imperfeita, como está no artigo de CHAMBERLIN (1937) "Monopolistic or Imperfect Competition?". Todavia, com o desenvolvimento da teoria, a competição imperfeita passou a designar tudo que fosse fora do benchmark de competição perfeita, de maneira que neste artigo coloca-se competição imperfeita tudo o que desviar do modelo *default* de competição perfeita.

Analisaremos nas próximas subseções variadas discussões que se originaram e se aprofundaram a partir do arcabouço de competição imperfeita.

3.3 Informação e competição imperfeita

O texto seminal do Akerlof intitulado *The Market for "Lemons"* colocou em evidência o aspecto informacional na análise microeconômica. A partir desse paper, desenvolveram-se vários outros que abordam o mesmo tema, em especial no mercado de trabalho (SPENCE, 1973) e em educação (HUNGERFORD, T.; SOLON, G., 1987). O arcabouço informacional apresenta outra faceta da competição perfeita na qual todos teriam acesso a informação, e a imperfeição na competição se daria pelos agentes econômicos não terem a totalidade delas, uma vez que pode ser do interesse privado dos agentes, sejam firmas ou consumidores, de omití-las para alcançar maiores *payoffs*.

Os modelos de assimetria informacional explicam o comportamento estraté-

gico de firmas, como o salário eficiência (YELLEN, 1984). E também os diversos mecanismos para suplantar o problema informacional tais como a garantia, ou mecanismos onde os consumidores avaliam o produto, gerando um conjunto de informacional de reputação para o produtor.

Tais problemas informacionais poderiam ser relacionados com falhas de mercado ao revés de um problema essencialmente competitivo. No entanto, os problemas informacionais afetam sobremaneira a competição dos modelos no sentido de limitar a oferta e a demanda, podendo impossibilitar a elasticidade total da oferta e elasticidade perfeita da demanda.

3.4 Monopólios e Oligopólios. Competição Justa?

A análise de monopólios e oligopólios foi possibilitada através do arcabouço teórico de competição imperfeita e fez-se presente na teoria microeconômica desde os primórdios do desenvolvimento matemático da Economia, tal como nas obra de Cournot e Walras. Se por um lado, o estudo econômico justifica a existência de setores oligopolizados, por outro, pode justificar a presença do Estado para corrigir problemas concorrenciais. De modo que instituições que regulam a concorrência, como o CADE (Conselho Administrativo de Defesa Econômica) têm suas atividades respaldadas pela teoria Econômica.

Outra questão importante para a análise concorrencial é sobre a ética nas alocações dos mercados. Alguns produtos por terem ampla importância social como remédios para AIDS (Síndrome da Imunodeficiência Adquirida), água e energia podem requerer uma análise mais crítica dos mercados, uma vez que muitas vidas dependem da utilização desses produtos. Embora a importância desses produtos não retire a escassez intrínseca deles, certamente remete a ideia de que a competição prevalecente no mercado pode ser injusta no sentido de poder comprometer a vida de muitas pessoas.

Desse modo, a análise concorrencial se encontra sobremaneira em debates públicos sobre o que seria justo ou adequado e pode sobretudo levar a conflitos em relação aos diversos interesses e preferências dos agentes, o que ultrapassa os limites da teoria econômica e adentra os meandros da política, ética e poder social.

3.5 Competição monopolística

A competição monopolística, que foi inicialmente estudada pelos autores Chamberlin (1948) e Robinson(1933), estabelece um tipo de competição no qual há diversos produtores e consumidores, porém os produtos não são homogêneos. E o poder de mercado de cada firma é advindo de uma diferenciação dos produtos. Tal arcabouço teórico tem muita relação com a realidade no sentido que podem justificar práticas recorrentes no mercado como o uso do *marketing* e da propaganda para a divulgação dos produtos.

3.6 O papel do Governo na competição imperfeita

A competição imperfeita leva sobretudo a um resultado em que as trocas na Economia são menores, uma vez que há um poder de barganha ou algum tipo de assimetria informacional, seja de consumidores, seja de produtores e poderia justificar uma intervenção governamental no sentido de colocar mecanismos para que a firma, por exemplo, não cobre o preço de monopólio ou de oligopólio, como é o caso do subsídio para firmas monopolizadas ou oligopolizadas.

A principal crítica aos modelos tradicionais de imposto em Economia seria por considerarem na análise um mercado perfeitamente competitivo, a despeito de na realidade frequentemente os mercados terem algum grau de imperfeição. JUDD(2002) faz um modelo de imposto em um mercado com competição imperfeita e chega a um resultado que o imposto sobre consumo é mais eficiente que imposto sobre capital em mercados que são imperfeitamente competitivos. Segundo o autor Judd(2002):

Even if one ignores income distribution, there is still a serious problem with using subsidies to neutralize markups. The subsidies would require substantial revenues since few goods (if any) have negative markups.

O conceito de competição se fragmenta em diversos assuntos cotidianos, e apresentam diversas modelagens; o elemento unificador das diversas teorias e modelagens de competição imperfeita consiste sobretudo nas hipótese de competição perfeita que são relaxadas.

4 Considerações Finais

Neste artigo as principais teorias sobre competição foram apresentadas, o conceito de competição foi inicialmente analisado de maneira intuitiva por Smith e depois matematizado por Cournot. É com Walras que o conceito de competição pura é colocado evidência e o autor resolve a questão do ajustamento dos mercados através do leiloeiro walrasiano. Bertrand desenvolve um modelo de competição pelos preços para firmas oligopolistas, colocando firmas oligopolistas competindo através de preços.

O autor Marshall fez uma abordagem mais simples e inteligível do processo competitivo do mercado. Clark, Hayek, Kirzner e Schumpeter fazem críticas importantes à teoria *mainstream* enfatizando a questão da dinâmica que estava ausente nos modelos predecessores de competição perfeita. E Knight na obra "Risco, Incerteza e Lucro" justificou que a competição perfeita seria um constructo teórico em que não há incerteza, e que não era um constructo teórico a ser abandonado, mas tinha espaço estritamente teórico, uma vez que a realidade é permeada por incerteza.

Sraffa enfatizou a competição imperfeita como modelo teórico a ser utilizado, os autores Chamberlin e Robinson desenvolveram o conceito de competição monopolística, que permitiu que práticas recorrentes no mercado tais como propaganda e diferenciação de produtos fossem explicadas pela teoria. Outrossim, foi apresentada a controvérsia de Keynes e como a revolução desse autor não se adequou às teorias de competição imperfeita vindas de Cambridge.

O trabalho apresentou que Tirole foi um dos principais autores que desenvolveu a subárea na Economia de Organização Industrial, que estuda especialmente mercados que não são de competição perfeita. Stigler escreveu sobre a importância de se fazer uma retrospectiva histórica. Ademais, a teoria da competição perfeita foi reformulada pelos autores Makowsky e Ostroy, que endogenizaram os preços no modelo de competição perfeita.

Foi verificado que os desenvolvimentos teóricos em competição se deram especialmente em modelos que abordam dinâmicas no processo de ajustamento do mercado. E a despeito desse desenvolvimento teórico, a competição perfeita permaneceu como paradigma teórico importante, em especial nos modelos de macroeconomia microfundamentados. Em microeconomia, o paradigma é importante em muitas análises como a de imposto e a de equilíbrio geral. No entanto, o desenvolvimento

da teoria de desenhos de mecanismos possibilitou análises de competição para além desse paradigma.

E, a despeito da fluidez dos conceitos em ciências sociais, uma vez que a sociedade está em permanente mudança, foi possível verificar que a teoria econômica dialoga entre seus diferentes autores e correntes teóricas. Desse modo, é importante analisar com atenção os conceitos, pois eles indicam para onde a teoria está caminhando e o que ela já abandonou. E isso só é possível de ser feito através de uma análise histórica da teoria, o que reforça a importância do estudo da História do Pensamento Econômico.

5 Referências Bibliográficas

AKERLOF, G. **The Market for "Lemons": Quality Uncertainty and the Market Mechanism.** The Quarterly Journal of Economics, 1970.

ALCHIAN, A.; ALLEN W.R. **University Economics.** Belmont: Wadsworth Publishing Co, 1972.

ARROW, K. J. **Toward a theory of price adjustment. The allocation of economic resources,** p. 41-51, 1959.

BACKHOUSE, R.; BOIANOVSKY, M. **Transforming Modern Macroeconomics Exploring Disequilibrium Microfoundations, 1956–2003,** Cambridge University Press, 2013.

BECKER, G. **Economic Theory,** 1971.

BERTRAND, J. **Review of Walras's Theorie Mathematique de la Richesse Sociale and Cournot's Recherches sur les Principes Mathematiques de la Theorie des Richesses.** Journal des Savants, páginas 499-508, 1883. (Traduzido por Margaret Chevaillier).

BLANCHARD, O. **Real Wage Rigidities and The New Keynesian Model.** NBER, 2005.

BLAUG, M. **Economic theory in retrospect.** Cambridge university press, 1997.

BRADY, M. **The Pseudo Keynesians (Joan Robinson, Austin Robinson, Richard Kahn) Against J. M. Keynes on the Liquidity Preference Theory of the Rate of Interest: The Reliance of Joan Robinson on A. Robinson and R. Kahn.** SSRN, 2018.

BRAKMAN, S.; HEIJDRRA, B. J. **The monopolistic competition revolution in retrospect.** Cambridge University Press, 2001.

BORNIER, J. M. **The "Cournot-Bertrand" Debate: A Historical Perspec-**

tive,1992.

CHAMBERLIN, E. **Monopolistic or Imperfect Competition?**, The Quarterly Journal of Economics, 1937.

CHAMBERLIN, E. **Theory of monopolistic competition.** 1948.

CLARK, J. M. **A competição como processo dinâmico.** Editora Forense, 1963.

CLARK,J.M. **Static Models and Dynamic Aspects.** The American Economic Review, 1955.

COURNOT, A.A. **Researches Into the Mathematical Principles of the Theory of Wealth.** Macmillan, 1897.

DAVENPORT, H.J. **The Economics of Alfred Marshall.** Augustus M. Kelley, 1965.

DE JONG, H. W.; SHEPHERD, W. G. **Pioneers of industrial organization: How the economics of competition and monopoly took shape.** Edward Elgar Publishing, 2007.

DIXIT, A. K.; STIGLITZ, J. E. **Monopolistic competition and optimum product diversity.** The American Economic Review, v. 67, n. 3, p. 297-308, 1977.

DIXIT, A. K. **Some Reflections on Theories and Applications of Monopolistic Competition.** The Monopolistic Competition Revolution After Twenty-Five Years, Cambridge University Press, 2003

DUMEZ, H. **Walras, Marshall : Stratégies Scientifiques Comparées.** Revue D'économie Politique, 1985.

EUCLIDES, I.B. **Os elementos.** Editora UNESP, 2009.

FRIEDMAN, M. **Leon Walras and His Economic System.** American Economic Review, 1955.

GALBRAITH. J.K. **Monopoly and the concentration of economic power.**

American Economic Association and Blakiston, 1948

GABAIX, X. **A Behavioral New Keynesian Model**. NBER Working Paper No. 22954, 2016

HARROD, R. F. **Doctrines of Imperfect Competition**. The Quarterly Journal of Economics, pp. 442–470, 1934.

HAYEK, F. **The meaning of competition**. Individualism and economic order, v. 92, p. 98, 1948.

HICKS, J.; HOLLANDER, S. **Mr. Ricardo and the Moderns**. The Quarterly Journal of Economics, 1977.

HOSSAIN, T.; MORGAN, J., ...**Plus Shipping and Handling: Revenue (Non) Equivalence in Field Experiments on eBay**, Journal of Economic Analysis Policy, 2006.

HUNGERFORD, T.; SOLON, G. **Sheepskin Effects in the Returns to Education**, The Review of Economics and Statistics, 1987

HUNTER, A. **Competition and the Law**, Allen & Unwin, Londres, 1966.

HUNTER, A. **Monopoly and competition**. Penguin Books, 1969.

KIRZNER, I. **Competição e atividade empresarial**. Instituto Liberal, 1985.

JAFFÉ, W. **Unpublished Papers and Letters of Léon Walras**. Journal of Political Economy, Vol. 43, 1935.

JUDD, K. **Capital-Income Taxation with Imperfect Competition**. American Economic Review, 2002.

KAHN, R.F. **Some notes on ideal input**. Economic Journal, March 1935.

KAHN, R.F. **The problem of duopoly**. Economic Journal, vol. 47, 1937.

KEYNES, J.M. **Teoria geral do emprego do emprego, do juro e da**

moeda. Editora Saraiva, 2013.

KNIGHT, F. H. **Imperfect Competition.** Journal of Marketing, vol. 3, no. 4, pp. 360–366, 1939.

KNIGHT, F. **Risco, incerteza e lucro.** Editora expressão e cultura, 1972.

KNIGHT, F. **Risk, Uncertainty and Profit.** Houghton Mifflin, 1921.

MACHOVEC, F. **Perfect competition and the transformation of economics.** Routledge, 2002.

MAKOWSKI, L. **Perfect competition, the profit criterion, and the organization of economic activity.** Noncooperative Approaches to the Theory of Perfect Competition, p. 105-125, 1982.

MAKOWSKI, L.; OSTROY, J. **Perfect Competition and the Creativity of the Market.** Journal of Economic Literature, v. 39, n. 2, p. 479-535, 2001.

MANKIWI, G. **Small Menu Costs and Large Business Cycles: A Macroeconomic Model of Monopoly.** The Quarterly Journal of Economics, 1985.

MARCUZZO, M. ; ROSSELLI, A. **Cambridge School of economics.** *Handbook on the History of Economic Analysis.* Volume II, capítulo 23, páginas 343-357. Edward Elgar Publishing, 2016.

MARCUZZO, M.; NALDI, N.; SANFILLIPPO, E.; ROSSELLI, A. **Cambridge as a Place in Economics.** History of Political Economy, 2008.

MARSHALL, A. **Principles of Economics.** Macmillan & Co LTD, 1961.

MARGLIN, S. **Raising Keynes: A 21st Century General Theory,** 2018.

MCAFEE, R. **Mechanism Design by Competing Sellers.** Econometrica, 1993.

MCNULTY, P. **A note on the history of perfect competition.** Journal of Political Economy, v. 75, n. 4, Part 1, p. 395-399, 1967.

MOORE, H. **Paradoxes of Competition**, The Quarterly Journal of Economics, Vol. 20, No. 2, pp. 211-230, 2006.

NEUMANN, J.; MORGENSTERN, O. **Theories of Games and Economic Behaviour**, Princeton University, 1944.

OI, W. **The desirability of price instability under perfect competition**. *Econometrica: journal of the Econometric Society*, p. 58-64, 1961.

PASINETTI, L. **A Mathematical Formulation of the Ricardian System**. *The Review of Economic Studies*, 1960.

PETERS, M. **Competing Mechanisms**. *Microeconomics working papers*, Vancouver School of Economics, 2014.

PETERS, M.; SEVERINOV, S. **Competition among Sellers Who Offer Auctions Instead of Prices**. *Journal of Economic Theory*, 1997.

PHILLIPS, A.; STEVENSON, R. **The historical development of industrial organization**, *History of Political Economy*, 1974.

QIN, C.; STUART, C. **Bertrand versus Cournot revisited**. *Economic Theory*, v, 10, p. 497-507, 1997.

ROBINSON, J. **Economics of Imperfect Competition**, Londres, 1933.

ROBINSON, J. **What is perfect competition?**. *The Quarterly Journal of Economics*, v. 49, n. 1, p. 104-120, 1934.

ROMER, P. **Endogenous Technological Change**. *Journal of Political Economy*, vol.98, 1990.

ROY, R. **Cournot et l'école mathématique**. *Econometrica*, vol. 1, pp. 13-22, 1933.

ROTHSCHILD, K.W. **Price Theory and oligopoly**, *Economic Journal*, vol. 57, 1947.

SCHUMPETER, J.A. **Capitalismo, socialismo e democracia**; tradução de Luiz

- Antônio Oliveira de Araújo. São Paulo. Editora da Unesp, 2017.
- SCHUMPETER, J.A. **Teoria do Desenvolvimento Econômico**. Editora Nova Cultural, 1988.
- SMITH, P. organizado por HEILBRONER, R. **The essential Adam Smith**, 1986.
- SPENCE, M. **Job Market Signaling**. The Quarterly Journal of Economics, 1973.
- SRAFFA, P. **As leis dos Rendimentos sob Condições de Concorrência**. Clássicos de literatura econômica, IPEA INPES, Rio de Janeiro, 1988.
- SRAFFA, P. **Produção de mercadorias por meio de mercadorias** . Zahar editores, 1977.
- SRAFFA, P. **The laws of returns under competitive conditions**. Economic Journal, vol.36, 1926.
- STIGLER, G. J. **Perfect competition, historically contemplated**. Journal of political economy, v. 65, n. 1, p. 1-17, 1957.
- TIROLE, J. **The theory of industrial organization**. The MIT Press, 1994.
- TRIFFIN, R. **Monopolistic Competition and General Equilibrium Theory**, Harvard University Press, Cambridge, 1940.
- WALRAS, L. **Autobiographie**, L'Économie politique, 2011/3.
- WALRAS, L. **Compêndio dos Elementos de Economia Política Pura**. Editora Abril Cultural, 1983.
- WALRAS, L. **Elements of Pure Economics**. Routledge, 1954.
- WALRAS, L. **Theory of the production of social wealth**. Routledge, 2005.
- YELLEN, J. **Efficiency Wage Models of Unemployment**. The American Economic Review, 1984.